

Stadium

N.º 278

31 de Março de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto NUNES DE ALMEIDA



Belenenses vence Porto por 3-0 — Barçigana executou defesas difíceis. Nesta fase, ele recolhe, magnificamente, uma bola alta. Virgílio segue com ansiedade o lance. Nunes e Teixeira da Silva ainda se vêem em gelto de ataque

Principais modificações na Tabela

— Belenenses isolado em 1.º — Vitória de Setúbal em penúltimo

Crónica de TAVARES DA SILVA

E continua a dobradoira a girar! A 18.ª jornada esclareceu um pouco a situação. Se, verdade seja, não se pode dizer que a situação está completamente esclarecida, indubitavelmente o Belenenses aproxima-se do título a passos agitados. A sua mão está quase fechada e já aperta com segurança o Campeonato...

Evidentemente, o Mundo dá muitas voltas. Em oito jornadas—alguma coisa poderá suceder de imprevisível. Mas o que nos parece incontroverso é que o Belenenses, guia da Prova, reúne mais condições de êxito do que outro qualquer. Lendo na cartilha do futuro, verifica-se terem os *azuis* já feito os exames mais difíceis, ao passo que uma vida atribulada aguarda os *segundões*...

A imprevisível derrota do Sporting — prova sem surpresas nem é campeonato! — fez este baixar para o 3.º posto. Por certo, os *leões* não perderam, ainda, de todo, as esperanças, mas sofreram um golpe terrível. Por efeitos dessa surpresa, o Benfica passou para o 2.º posto — e abre a boca... Este galope final vai ser extraordinário de fibra, vontade e esforço. Os 3 Grandes, na leitura fria dos números, marcham quase na mesma linha — mas o Belenenses domina a situação.

Segue-se o Porto que, por virtude da sua derrota, está pelo menos atordado, e não dizemos *knock-out* para não forçar a nota... Quatro pontos de diferença é muito difícil de recuperar. Do Estoril — já nem se fala, no que diz respeito ao título.

O clube que vinha a ser a *mais bela revelação*, afirmando-se poderosamente no seu jogo de conjunto, com a cedência do seu tático Bravo e outras desgraças, desmantelou-se a pontos de ser atingido por uma crise já difícilmente sanável na presente temporada.

O aspecto menos interessante da Tabela é-nos dado pela zona intermédia, desde o Elvas ao Vi-

tória de Guimarães. Sem sombra de dúvida, pelo brio e desportivismo, estes clubes lutarão até ao fim encarnadamente. Todos estes, porém, já não veem o título, parecendo definitivamente afastados da zona de angústia. A este respeito, deve dizer-se que o Vitória de Guimarães, seriamente ameaçado, se conseguiu libertar de um fardo pesado. É difícil saber o que pesa mais: se o título, se o último posto; mesmo o penúltimo. A alegria mistura-se com a tristeza.

A Tabela — rica coisa! — tem dois bicos. Num deles, eleva os clubes; no outro, mata-os. O que se está a passar na zona de angústia, deve ser observado com grande respeito. Nem se faz uma ideia perfeita do que sofrem esses *teams*, e da genica com que os seus componentes entram em campo — para tentar o impossível...

O Sporting de Braga — bravo! — está a elevar-se a pulso, dizendo que quer viver. Nesta altura, já cedeu o seu lugar ao Vitória de Setúbal. Sejam quais forem as incidências, deve apontar-se o exemplo de Braga como um caso de tenacidade. Mais do que isso. Não hesitamos em afirmar que a equipa acusa os benefícios da competição — que tem aproveitado! — e que funde a sua força de vontade no saber do jogo.

Os setubalenses — tão gloriosos noutras épocas! — estão a viver uma vida que não é alegre e risinha: em penúltimo, com dois pontos de diferença da Académica. Os estudantes, apesar do seu grande movimento de fé e de confiança, fecham o cortejo dos 14 concorrentes — mas não fazem figura deplorável. Pelos vistos, para saírem da situação em que se encontram, precisam não somente de aperfeiçoar o seu conjunto mas de fazer um apelo à lei da Sorte. Bem sabemos que todos os clubes se sentem feridos dessa justiça... Mas o que se passa com a Académica excede os limites!

Aconselhamos para melhor fixar ideias uma leitura atenta do Quadro que publicamos e a consulta rigorosa do Calendário dos jogos que faltam. Não há nada, certamente, que desiluda o adepto. Se ele não conseguisse engendrar sempre uma hipótese para livrar o seu *team* do fim — nem merecia o nome de adepto... Mas aprender-se há alguma coisa.

Na 18.ª jornada apuraram-se os seguintes resultados:

Belenenses	3	—	Porto	0
Benfica	3	—	Setúbal	0
Boavista	2	—	Sporting	1
Académica	2	—	Vitória G	2
Sp. Braga	7	—	Lusitano	1
Olhanense	1	—	Atlético	2
Elvas	4	—	Estoril	1

Marcaram-se 29 golos, na média de 4 por encontro. O maior desnível correu a cargo de Braga; e também um pouco do Lusitano...

Daram-se na jornada várias reparações de sensação. Rogério, vindo do Botafogo, e após conversações com o seu clube, retomou o seu posto no Benfica. Todos nos dizem que é o mesmo Rogério, com aquelas qualidades excepcionais de domínio de bola, pontapé certo e forte, presença do lance, e também com o mesmo defeito de alheamento — vivendo para ele... Trata-se, porém, de um valor cujo regresso deve ser saudado com os sinais em repique. Também Cabrita, há muito afastado, voltou à luta. Ele, que tanto gosta de jogar, não conseguiu impressionar na sua reparação, ou por defeito próprio ou dos outros, mas é evidente que depressa se ligará aos companheiros.

E, finalmente, o dr. Alberto Gomes, havendo já arrumado definitivamente as botas, numa afirmação de sacrifício, a um tempo bela, nobre e digna, voltou a envolver a camisola negra. E fê-lo num ar de simplicidade, como se o seu gesto não tivesse qualquer significado, conseguindo dar, em campo, em todos os instantes, a ideia da sua presença, e impondo-se pelo exemplo de energia e forma de dominar a bola e de orientar vários ataques.

No fim do encontro, e julgamos que esta revelação não nos fica mal, Alberto Gomes dizia-nos no seu ar sereno e tranquilo que porventura escondia uma forte emoção: — Se temos *apertado* mais, após a 2.ª bola, a vitória não nos escapava. Eis a síntese de um homem: todos os jogadores tinham feito o seu máximo, mas ele entendia que devia ainda fazer-se mais... Os anos passam por cima de certos homens e não lhe fazem mossa na energia.

A lei das lesões e o julgamento dos juizes de campo influíram muito na 18.ª jornada. Em primeiro lugar, devemos colocar a Académica privada logo no mi-

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração
RUA DA ROSA, 252-1.º
Telefone 31187 — LISBOA

Director e Editor:
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção:
TAVARES DA SILVA

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

nuto do começo do seu guarda-redes, com uma funda ferida no maxilar inferior. Todo o dispositivo se alterou. Depois, vem o Porto com a inutilização de Joaquim, com uma distensão na vértebra, obrigando ao recuo de um homem da frente. Também Félix, do Benfica, embora insistindo, abandonou o campo. E todos devemos desejar que se salve um valor do jogo. Por outro lado, deram-se três expulsões: Primo (de Setúbal); Travaços (do Sporting) e Garcia (do Boavista) quase no fim do encontro.

O Belenenses ganhou com inteira justiça. Foi o melhor *team*, o mais organizado e aquele que caminhou melhor para as balizas. O seu futebol, de ataque, baseou-se na rapidez (Pereira Duarte foi uma lâmina) e destróio a defesa portuense. Para esse jogo de ataque contribuiu a acção da parelha média Amaro e Figueiredo.

O Porto, com dez unidades, não se entregou, lutando corajosamente. Os seus contra-ataques foram perigosíssimos, e como em geral sucede, destacou-se Araújo. É evidente que, para equipa reduzida a dez unidades, muito fez o Porto.

O Benfica desembarçou-se do Vitória de Setúbal. Jogou menos do que se esperava. De um lado e do outro, há a atenuante da falta de uma unidade. O Vitória esteve bem a meio do terreno, mas ao aproximar-se das balizas — abaixou o tom... O Benfica, na 2.ª parte, conjugou magnificamente os seus movimentos e caiu a fundo.

O Sporting escorregou no Porto, contra o Boavista. Este jogou com entusiasmo, batilhando com descanço. *Team* sem azes (Fernando Calado, que se distinguiu, é um caso aparte no bloco!) teve a mecânica própria dos conjuntos bem afinados. Quase todas as infiltrações sportinguistas esbarrraram na defesa contrária. O Boavista ergueu o cutelo no último instante. Já não havia apelação.

A Académica, apesar da desgraça lhe ter batido à porta, cedeu só na parte final do encontro. Os seus ataques, vivos, dinâmicos e bem organizados, com o apoio de Pacheco Nobre desorientaram a defesa de Guimarães. Só Curado não perdeu o rumo.

Também na defesa, a Académica, demonstrou nítido aperfeiçoamento, por melhor consciência de jogo. O Vitória de Guimarães actuou mais em força do que ligando os segmentos. No bom

Tabela de pontos

	CASA				FORA				TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.
Belenenses	18	8	1	—	37-6	6	1	2	19-12	14	2	2	56-18	30
Benfica	18	8	—	1	33-8	5	3	1	32-18	13	3	2	65-26	29
Sporting	18	8	—	1	39-11	6	—	3	24-16	14	—	4	63-27	28
F. C. Porto	18	7	—	1	32-9	6	—	4	26-20	13	—	5	58-29	26
Estoril	18	8	—	1	45-15	2	3	4	18-23	10	3	5	63-38	23
Atlético	18	5	2	2	33-20	2	—	7	19-28	7	2	9	52-48	16
Elvas	18	7	—	3	35-18	—	2	6	10-26	7	2	9	45-44	16
Boavista	18	6	1	3	25-19	1	1	6	8-26	7	2	9	33-45	16
Olhanense	18	4	3	3	25-18	—	2	6	12-32	4	5	9	37-50	13
Vitória (G.)	18	5	1	3	16-17	—	2	7	9-29	5	3	10	25-46	13
Lusitano	18	5	2	1	12-11	—	1	9	7-48	5	2	10	19-59	13
Sp. Braga	18	4	2	3	24-18	—	1	8	13-29	4	3	11	37-47	11
Vitória (S.)	18	3	2	3	13-17	1	—	9	11-33	4	2	12	24-50	10
Académica	18	3	2	4	19-30	—	—	9	9-48	3	2	13	28-78	8

DOIS TORNEIOS OFICIAIS

As Vitórias do Leixões e do Barreirense

no campo dos adversários

merecem especial relevo na 2.ª Divisão

Os resultados da última jornada, na 2.ª Divisão, foram os seguintes: Famalicão... 4 — Leixões... 4 S. C. Covilhã. 7 — U. Coimbra... 0 «Cuf» Barreiro 6 — G. D. Beja... 0 Portimonense. 0 — Barreirense... 1

Desde logo — duas grandes surpresas: as vitórias do Leixões e do Barreirense no campo dos adversários.

período, a equipa construiu alguns esquemas agradáveis.

Braga infligiu pesada derrota ao Lusitano. Os números traduzem uma excelente exibição, cheia de nervos e fôlego. Na base desse bom jogo está a acção dos médios. Diamantino distinguuiu-se no ataque. O Lusitano deixou-se inferiorizar demasiadamente, mas lutou com ânimo.

O Atlético venceu no campo do Olhanense. O seu poder de ataque levou a melhor contra uma defesa lenta e sem poder de recuperação.

Em Elvas, a partida teve características de equilíbrio até certa altura, mas daí em diante — o Estoril cedeu.

O único caso de vitória fóra de casa deve-se ao Atlético.

A jornada do próximo domingo é formada pelos seguintes desafios:

Porto — Benfica.
Lusitano — Belenenses.
Sporting — Olhanense.
Estoril — Boavista.
Guimarães — Elvas.
Atlético — Braga.
Setúbal — Académica.

O desafio do Porto é vital para o Benfica. E aí está a grande dificuldade: quando é forçoso vencer, os golos custam mais... O resultado do encontro pode influir na questão do título.

Belenenses e Sporting tem um dia de relativa tranquilidade. Nos restantes encontros deve colocar-se o distico de equilíbrio. Ou com uma pequena vantagem para os que jogam em casa. São estas, vagamente, as presunções. Mas a prática encarrega-se muitas vezes de destruir o que parece mais certo e lógico, e vira as coisas ao avesso.

T. S.

rios — Famalicão e Portimonense. Logo, o Leixões passou a ter 4 pontos, tantos como os famalicenses, mas o Sporting da Covilhã comanda agora com 6 pontos.

Temos, portanto, para o próximo domingo um desafio famoso: — Leixões-Covilhã, em Matozinhos...

O União de Coimbra está definitivamente colocado em situação difícil. Isto na zona Norte. Na zona Sul, desenha-se a luta Cuf-Barreirense. Embora os primeiros passassem para 7 pontos, graças a uma vitória fácil sobre o Desportivo de Beja, temos agora o seu rival e vizinho, Barreirense, com 5 pontos — menos 2 mas com um jogo contra a Cuf em casa. A vitória do Barreirense em Portimão pode colocar-se também no mesmo pé daquela que o Leixões foi arrancar a Famalicão. E os grupos da outra margem jogam já no próximo domingo...

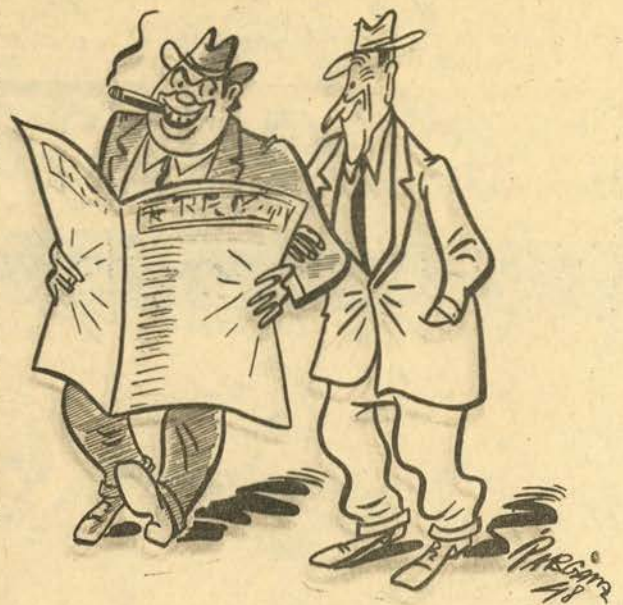
Principiou a disputar-se a "Taça de Portugal"

A «Taça de Portugal» é agora disputada com um novo regulamento. Primeiro, lutam os clubes mais fracos; depois de apurados os vencedores destas eliminatórias, começa o jogo mais sério.

Vejam os resultados: Salgueiros-Leça, 0-1; Sanjoanense-Vianense, 1-0; Oliveirense-Vila Real, 5-1; Flaviense-Académico, 2-3; Naval, 1.º de Maio-S. L. Viseu, 4-3; Leões de Santarém-Ferrovários, 6-0; S. L. Guarda-Ginásio de Alcobaça, 1-0; Luso do Barreiro-Desp. de Arroios, 1-3; Rossiiense-Unidos do Montijo, 0-0; F. Benfica-Operário, 1-0; Oriental-Casa Pia, 3-3; Campomaiorense-Reguengos, 4-1; Moura-Serpa, 2-1; Lusitano Évora-Portalegrense, 4-2; Boa Esperança-União Sport, 5-1.

Por enquanto não há comentários que possam servir de orientação aos leitores. Há, evidentemente, resultados interessantes. Por exemplo: — o empate Casa Pia-Oriental; as vitórias do Oliveirense sobre o Vila Real, do Académico em Chaves, do Leça no campo do Salgueiros... Aguardemos, porém, as visitas, que podem trazer surpresas ao torneio. De resto, os concorrentes de agora destinam-se a ficar pelo caminho...

A "graça" da semana



— Ora, vê lá aí o que é que os espanhóis dizem a respeito dos nossos oquistas!

FUTEBOL-JUNIORES

O campeonato foi ganho pelo SPORTING

Terminou no passado domingo o Campeonato de Juniores, prova indispensável e bem útil, em boa altura levada a efeito pela A. F. L. O Sporting foi o vencedor absoluto.

Chegou ao fim contando as vitórias pelos jogos efectuados e mostrando uma superioridade por todos reconhecida.

No entanto, o Oriental foi um finalista brioso, e, com um pouco de sorte, podia no jogo final ter obtido a vitória que lhe daria o título. Assim, resta à jovem equipa do Oriental o prazer de ter sido finalista e de ter durante uma hora batido bem o pé aos campeões.

O jogo foi correcto e bem disputado. A equipa do Sporting foi mais robusta e a do Oriental cheia de rapazes habilidosos.

Campo com grande enchente e animação em todos os sectores. Foi jogo de final autêntico, e dentro e fóra do rectângulo houve verdadeira paixão clubista sem o mais pequeno caso de reparo.

Desta maneira apetece ver futebol. Os rapazes lutaram até mais não, e só ao apito final é que o vencido sentiu a derrota.

O primeiro golo do Sporting obteve nos primeiros minutos do

jogo deu a impressão que a vitória da equipa leonina seria fácil, mas os rapazes do Oriental reagiram fortemente e não permitiram durante o primeiro tempo que os adversários aumentassem o resultado. E até podiam ter chegado ao empate se os seus dianteiros tivessem melhor pontaria...

No segundo tempo a vontade forte dos jogadores do Oriental teve o seu prémio aos 13 minutos, com um bom golo marcado por Moreira.

O Sporting sentiu o perigo e o seu hábil interior direito, Serra Coelho, conquistou o tão desejado golo, pondo ponto final no encontro.

A alegria dos rapazes dos leões era comunicativa e todos os seus adeptos davam largas ao seu entusiasmo.

Chegou o fim do encontro e com ele mais um título para o Sporting. Ficou bem entregue a representação de Lisboa. A equipa do Sporting é forte e os seus jogadores são habilidosos, principalmente Serra Coelho, que julgamos ser um dos melhores jogadores das equipas que disputaram o Campeonato.

M. V.

Publicamos hoje mais uma **SEPARATA**
"O Futebol é a Minha Profissão"
do famoso **LAWTON**

ARCADIA O DANCING N.º 1

Formidável êxito do famoso **BALLET LALLA CASSEL**
e jovem conjunto suco

Em pleno triunfo os Príncipes do baile espanhol **MERCEDES LEON-ALBANO ZUÑIGA**

A estonteante e escultural bailarina **MONA DORIS**

Pilar Calvo, Mary Mely, Allanida, Mercedes Romero, Lita-Anllel, Conchita Perez, Mabel Valencia, Miralda

Música constante **TOSELLI** com o cantor **Alcino Duque** e **ARCADIA**
pelas orquestras

Abertura às 22 horas — 1.ª parte de variedades às 24,15 horas



O Estádio Castellana exgotou a lotação



À entrada para o Estádio



Uma insistência de Araujo...



Disfarçando o nervosismo...



Rímet cumprimenta o capitão...

A DERROTA PORTUGUESA
EM ESPANHA



O "capitão"
CARDOSO
reforma-se
 VOLUNTARIAMENTE...



Alvaro Cardoso — um nome do futebol nacional — despediu-se da actividade. O excelente defensor sportinguista e capitão do grupo nacional deixa bem vencedora a sua passagem no futebol português, aliando às suas qualidades magníficas de jogador a ponderação e o cavalheirismo com que desempenhou as suas funções de capitão. Retira-se com uma folha de serviços onde se realça com justiça e louvor a sua presença no futebol. Ele próprio sai satisfeito com a sua vida de desportista, levando orgulhosamente nas suas recordações os melhores momentos da equipa nacional e tantas alegrias que obteve na sua vida do Sporting.

A festa de despedida de Cardoso, sem ser ruídos, foi simpática e significativa. O Sporting e os principais clubes de Lisboa deram a sua colaboração à festa, na qual o Misto foi formado com quase todos os companheiros da equipa nacional. Sob o relvado do estádio José Alvalade, vários carismáticos rodearam e coroaram o último dia do jogador — flores, presentes, abraços e palavras de elogio. Cardoso agradeceu, oferecendo medalhas comemorativas da sua festa e num gesto significativo, com sua pontinha de emoção, vestiu aos dois capitães dos grupos de Infantis do Barretrense e do Belenenses camisolas de selecção nacional por ele conquistadas em campo. De facto naqueles dois miúdos estavam os verdadeiros substitutos do brioso jogador de futebol Alvaro Cardoso.

O velho conto do gato e da raposa

Estes rapazes vão assombrar o público...
dizia o dr. Virgílio Paula

De RAMON MELCON

POUCAS vezes um desafio Espanha-Portugal de futebol levantou tão pouca poeira como o que se disputou ultimamente em Chamartín. Comentou-se, de um e de outro lado, com todo o interesse que a importância da prova requeria, criticaram-se faltas, linhas e actuações, em conformidade com o critério do comentarista. Elogios, censuras, conselhos... Um pouco de tudo que é lógico que haja em ocasiões como a presente. Mas daí não se passou.

Ainda recordamos o estado de excitação nervosa em que pareciam encontrar-se espanhóis e portugueses no último ano, na altura dos 4-1 do Estádio Nacional do Jamor. A conquista de um triunfo, o primeiro oficial em vinte e seis anos de um lado, e a amargura da primeira derrota do outro lado, fizeram com que os ânimos aquecessem muito, e que se descrevessem coisas que já-mais deveriam ver a publicidade. Afortunadamente, impuzeram-se as vozes sensatas que colocaram as coisas do futebol no seu verdadeiro lugar: o puramente desportivo, sem mais transcendência de outra espécie.

Agora, esta vitória espanhola não foi posta nos pináculos da lua; e os portugueses, com nobreza e cavalheirismo exemplares, foram os primeiros a reconhecer a justiça do triunfo.

A Espanha venceu bem. Foi mais efectiva, pôs mais alma na luta, especialmente na primeira parte do encontro, e, de um modo geral, falharam menos homens do que no onze de Portugal. Aqui está a base da superioridade espanhola: ao passo que no grupo lusitano fracassava rotundamente, como linha, a avançada, no lado espanhol era o ataque, animoso, inspirado em algumas ocasiões, apesar de se notarem também várias falhas individuais, quem conseguia desviar a contenda, que terminou, justamente, com resultado favorável aos espanhóis, como um ano antes, Portugal havia merecido o triunfo, porque, no seu conjunto, não houve uma só greta, enquanto que no adversário faltava coesão e tática definida.

Porque agora Espanha teve tática, saíram os seus homens a pôr em prática um sistema que, embora ensaiado durante poucas semanas, foi bem assimilado por todos os componentes da equipa. E estes o seguiram aplicando sem interrupções até ao fim, ao contrário dos que auguravam, mesmo em Espanha, uma desorientação e um desconcerto que não apareceu em parte alguma. Se a isto juntarmos que, na equipa espa-

nholá falharam menos homens que na portuguesa, fica explicada a causa deste triunfo, que devia traduzir-se em maior resultado. 2-0 deve-se à pouca sorte que acompanhou Espanha no primeiro tempo de luta.

Para Espanha, o desfecho é muito agradável e de benefícios certos. Não pelo que tem de desforra nem pela sua importância moral e desportiva. Já dissemos que tal não é mais que uma coisa episódica, sem mais transcendência que a satisfação do triunfo para os vencedores, e também a de haver perdido, se se faz todo o possível para evitar a derrota, por parte dos vencidos. O benefício a que nos referimos é, simplesmente, porque renascerá o convencimento de que em Espanha há bons jogadores e de que um moderno sistema de jôgo é perfeitamente compatível com o estilo um pouco rebelde e individualista do nosso jôgo. Sómente falta, para conquistar um bom resultado neste aspecto, ordem, organização, disciplina, preparação e boa-vontade por parte de todos. E parece que em Espanha há de tudo, como o prova o partido que comentamos.

Enquanto a Portugal, o haver perdido não pressupõe um fracasso nem a queda do alto conceito que do seu futebol se tinha aqui e em todos os lados em que actuaram nos últimos anos os rapazes da selecção nacional. Encontramos, sim, no grupo que jogou em Chamartín, excessiva juventude, ou melhor dizendo, falta de experiência. Exactamente o que diziamos no diário «Marca» na manhã do encontro. Porque, queira-se ou não, homens como Azevedo, Cardoso, Amaro, Peyroteo... não se substituem de um dia para o outro, e sobretudo em bloco como se fez agora. Mas não queremos meter-nos onde não somos chamados. Porque é indiscutível, além de tudo, que havia confiança no jogo dos novos elementos.

Se as coisas saíem como devem sair — dizia-nos esse grande desportista e cavalheiro que é o dr. Virgílio Paulo, antes do encontro — verão como joga a avançada portuguesa. Estes rapazes vão assombrar o público.

E, sem embargo, foi a dianteira o mais fraco do conjunto. Quere isto dizer que o que falhou não foi a selecção mas o jogador; não a linha, mas o individuo. Mas, seja como for, é este um problema que se apresenta aos seleccionadores: as grandes figuras não tem ainda substitutos. E se os tem, há que endurecê-los nas lides internacionais para que deem todo o rendimento possível em futuras contendas. Talvez que neste desafio contra Espanha, ao

receberem estes rapazes o seu baptismo internacional, hajam adquirido alguma coisa dessa experiência a que nos referimos, pois no próximo encontro que façam já não terão esse medo que dá sempre uma primeira actuação, seja de que espécie for, em público e com uma responsabilidade tão grande como a que estes rapazes tinham em Chamartín.

E preciso reconhecer que, apesar do grande aumento de adeptos que se nota em Portugal, há ali menos homens para escolher que em Espanha. A tarefa dos seleccionadores é mais difícil, por não terem tanto por onde escolher em contraste com o que se

passa em Espanha. Ainda que tudo tenha prós e contras, quebras e perigos.

Recordemos o velho conto do gato e da raposa que vem aqui a talho de foice. Falavam a raposa e o gato acerca do modo de escapar do ataque dos cães. E a raposa, mestra em artes e habilidades, dizia com orgulho que sabia mais de cem maneiras de enganar os cães, se estes apareciam. Eu — dizia o gato — não sei mais do que uma: trepar a uma arvore. E depressa tiveram ambos oportunidade de pôr em prática os seus sistemas. Uma matilha de cães apareceu prontamente. O gato, fiel ao seu sistema, trepou ao alto de uma arvore gigantesca. A raposa pensou qual dos seus sistemas seria o melhor naquelas circunstâncias. Mas os cães não lhe davam tregua e depressa caíram sobre ela antes que houvesse tomado a sua decisão.

Perigos de abundância — como se vê. Também no excesso de material disponível há perigo. E podem chegar os perros de um desafio internacional e colher um seleccionador que esteja a pensar quais serão os melhores para formar a equipa. Ainda que isto não seja o caso, afortunadamente, de Espanha, onde se estão fazendo as coisas ao que parece com seriedade, ordem e cuidado. — R. M.

A Maratona Nacional

COM escassa concorrência e vencedor antecipadamente designado, organizou no domingo a F. P. A. a corrida de Maratona, que foi a 19.ª prova disputada em Portugal, com esta designação desde 1907.

Recordemos que foi por iniciativa da revista «Tiro e Sport» que se realizou a primeira Maratona Portuguesa, que de tal tinha apenas o nome, pois era de percurso reduzido a quinze quilómetros; só em 1910 os promotores se abalçaram aos 42 k.m., sendo vencedor Francisco Lázaro, em 2 h. 57 m. 85 s.

Era grande, ao tempo, a popularidade das corridas de grande fundo, ao ponto de ser curioso comparar a afluência de participantes com a de hoje; em 1912, por exemplo, inscreveram-se nove clubes e 21 homens, dos quais 18 terminaram o percurso, triunfando uma vez mais Francisco Lázaro, em 2 h. 52 m. 8 s., o seu melhor tempo, que o levou a Estocolmo e à tragédia da sua morte por insolação durante a prova olímpica.

O sucessor do infeliz maratão na tabela dos campeões nacionais foi o negro Armando de Almeida, vencedor em 1913, com 2 h. 58 m. 4,8 s., cujo reinado foi de curta duração, pois foi substituído no ano imediato pelo peixeiro da Caparica, Serafim Martins, que gastou 3 h. 6 m. 3,4 s. para percorrer a distância oficial.

Após longa interrupção de 22 anos, a Maratona reapareceu como consequência de uma iniciativa de «Os Sports», revelando um

grande especialista, Manuel Dias, que estabeleceu novo melhor tempo (não se lhe pode chamar recorde, porque não se homologam recordes em provas em estrada) com 2 h. 37 m. 20 s.

Seleccionado para os Jogos Olímpicos de Berlim, classificou-se em 17.º com 2 h. 49 m. 32,4 s. e no ano seguinte, no já clássico percurso Belém-Estoril e volta, gastou apenas 2 h. 30 m. 38 s., que ainda é o melhor tempo português.

Esta vitória proporcionou-lhe a ida a Londres, a expensas do jornal «Os Sports», para tomar parte na Maratona da Coroação, onde alcançou o segundo lugar, em 2 h. 56 m. 38 s.

Manuel Dias ganhou ainda mais três vezes a Maratona Nacional, cedendo o posto em 1942 a Tiago Ribeiro, 2 h. 39 m. 27 s. e em 1946 e 1947 a Manuel Gonçalves, 2 h. 40 m. 14.

Este ano o mesmo Manuel Gonçalves não tinha outro adversário além de si próprio; procuraria melhorar o seu resultado, mas sabia-se que sofria de uma distensão muscular ainda recente e, portanto, não eram boas as suas condições físicas.

Apesar de haver sido mais rápido no percurso de ida do que em 1947 (1 h. 14 m. 30 s., contra 1 h. 15 m. 59 s.), Gonçalves fraquejou no regresso e conseguiu apenas 2 h. 42 m. 3,8 s., precedendo o imediato adversário, o belenense Artur Ferreira, de 16 m. 15,8 s.

Salazar Correia

A equipa de PORTUGAL de oquei em patins

confirmou brilhantemente os títulos de campeão do Mundo e da Europa

através de uma campanha gloriosa e que foi a melhor de sempre do desporto lusitano além-fronteiras

Resultados gerais do torneio n.º 14

Esta competição de agora, em Montreux, foi a n.º 14 no historial das provas de carácter internacional permanente: 14.º campeonato da Europa e 4.º campeonato do Mundo. Os anteriores disputaram-se, respectivamente, em: *Hernebay-Inglaterra* (1.º em 1926; 3.º em 1928; 5.º em 1930; 7.º em 1932; 8.º em 1934; e 10.º em 1937); em *Montreux-Suíça* (2.º em 1927; 4.º em 1928; 6.º em 1931; e 12.º em 1939); em *Estugarda-Alemanha* (9.º em 1936); em *Antuerpia-Bélgica* (11.º em 1938); e em *Lisboa-Portugal* (13.º em 1947).

A contar, também, para os campeonatos do Mundo, foram os torneios de 1936, 1939 e 1947. Temos, portanto, que em Hernebay se efectuaram seis competições, em Montreux cinco (com a de agora) e em Antuerpia, Estugarda e Lisboa, uma, cada.

Nesta prova — até ante-ontem — registaram-se os resultados seguintes:

1.º dia (24) — *Portugal-Bélgica*, 10-0; *Espanha-Suíça*, 6-3; *Inglaterra-Itália*, 3-2.

2.º dia (25) — *Egito-Holanda*, 5-0; *Espanha-França*, 5-0; *Inglaterra-Bélgica*, 5-1; *França-Egito*, 5-1; *Portugal-Suíça*, 5-4; *Inglaterra-Holanda*, 17-0; (récorde); *Itália-Bélgica*, 8-2.

3.º dia (26) — *Portugal-Egito*, 13-0; *Suíça-Holanda*, 9-0; *Bélgica-França*, 2-0; *Inglaterra-Egito*, 8-1; *Suíça-França*, 5-2; *Itália-Espanha*, 3-0; *Bélgica-Holanda*, 15-0.

4.º dia (27) — *Espanha-Egito*, 14-0; *Itália-França*, 8-3; *Portugal-Holanda*, 15-0; *Espanha-Inglaterra*, 2-2; *Itália-Suíça*, 8-3; *Portugal-França*, 6-0.

5.º dia (28) — *França-Holanda*, 8-0; *Portugal-Espanha*, 3-1; *Inglaterra-Suíça*, 5-1; *Espanha-Bélgica*, 4-2; *França-Inglaterra*, 3-3; *Suíça-Egito*, 7-0; *Portugal-Itália*, 3-1.

Até segunda-feira, portanto, a classificação era:

	J.	V.	E.	D.	Golos	P.
Portugal	7	7	—	—	55-6	14
Inglaterra	7	5	2	—	43-10	12
Espanha	7	4	1	2	32-13	9
Itália	6	4	—	2	30-14	8
Suíça	7	3	—	4	32-26	6
França	8	2	1	5	21-30	5
Bélgica	6	2	—	4	22-27	4
Egito	6	1	—	5	7-47	2
Holanda	6	—	—	6	0-69	0
					242	

Este apuramento não é ainda definitivo (faltam as partidas de anteontem, cujos resultados só podemos dar no próximo número,

mas apenas com interesse para o 3.º lugar — talvez a Itália — e 5.º posto, dependente do jogo *Bélgica-Suíça*).

Como há duas classificações, a do campeonato da Europa, abstrahindo, pois, o Egito, era assim: Portugal, 12 pontos e 42-6 (menos 13-0); Inglaterra, 10 pontos e 35-9 (8-1); Itália, 8 pontos e 30-14 (faltava-lhe defrontar os egípcios); Espanha, 7 pontos e 18-13 (14-0); Suíça, 4 pontos e 25-26 (6-0); Bélgica, 4 pontos e 22-27 (ainda a jogar com o Egito); França, 3 pontos e 16-29 (5-1); Holanda, 0 pontos e 0-64 (0-5).

Portugal: sete jogos — sete magníficos triunfos e 55 golos a 6

Talvez porque o XIV campeonato da Europa (IV do Mundo) reuniu maior número de inscrições — nove! — nunca o vencedor obteve tão larga margem de golos como neste ano... E os dois estreantes — um principalmente forneceram grandes contingentes de marcações de tentos: os dois reunidos sofreram até anteontem 116 — quase metade do total...

O recorde (que era de 14, 0, da Inglaterra à Itália, em 1926, repetido pelos britânicos, em 1932, contra a Bélgica) foi batido três vezes e igualado outra: *Inglaterra-Holanda*, 17-0; *Portugal-Holanda e Bélgica-Holanda*, 15 cada; e *Espanha-Egito*, 14-0.

Para termo de comparação — diga-se que o torneio em que o vencedor (Inglaterra) fez mais número de golos foi o primeiro: em 1926 com 46-4 em cinco desafios! E com seis jogos: *Inglaterra também* (40-3) em 1931. Pois Portugal, desta feita, suplantou tudo — e todos!!!

Nas sete primeiras partidas — é natural que a última seja igualmente de triunfo, como se deseja, para confirmar a «vitória global» alcançada em Maio de 1947 no Pavilhão dos Desportos — a equipa lusitana (que alinhou sempre com a mesma formação: Emídio Pinto, António Raio, Sidónio e Olivério Serpa, Jesus Correia e Correia dos Santos) obteve outros tantos êxitos. Assim discriminados:

Contra *Bélgica* (10-0) — Golos de Jesus Correia (4), Correia dos Santos (2), Raio (2), Olivério e Sidónio. Os belgas apresentaram: Duquesne, Bogaerts, Cossaert, Devos, Hermann e Hayghe.

Contra *Suíça* (5-4) — Golos de Jesus Correia (3) e Correia dos Santos (2). Pelos helvéticos alinharam e marcaram: Croza, Gervaz (1), Zürcher (1), Monney II (2), Monney I e Millasson.

Contra *Egito* (13-0) — Golos

de Jesus Correia (6), Correia dos Santos (3), Olivério (2), Sidónio e Raio. Equipa egípcia: Fantaicó, Aelly, Kuari, Balligst, Anis e Nabel.

Contra *Holanda* (15-0) — Golos de Sidónio (5), Jesus Correia (4), Olivério (3), Correia dos Santos (2) e Raio. Jogaram dos Países Baixos: Ull, Boeralde, Dinier, Bruire, Moorineau e Pala.

Contra *França* (6-0) — Golos de Correia dos Santos (4) e Jesus Correia (2). Os gauleses apresentaram: Gonzalo, Peyrecav, Marhand, Rivière, Bermejo Andrieux.

Contra *Espanha* (3-1) — Golos de Jesus Correia (2) e Correia dos Santos. Pelos espanhóis alinharam: Nadal, Rubio, Serra, Mas, Frias e Basso, sendo o golo feito pelo último.

Contra *Itália* (3-1) — Golos de Jesus Correia (2) e Correia dos Santos. Os itálicos apresentaram: Grassi, Kulmann, Cergoli, Bertuzzi, Panani e Pozzer. Cergoli de «penalty», o autor do tento.

Resumindo: Jesus Correia — que passou para a dianteira (com 65) dos marcadores de golos — fez, à sua conta, 25, Correia dos Santos, tinha, até ao jogo com a Inglaterra, 13 (e no geral: 53), Sidónio marcou 7 golos (tem ao todo 31); Olivério obteve 6 (e ficou com 48) e Raio tem 4 golos marcados na sua estreia em campeonato.

Os 70 desafios da turma lusitana

Contando com o encontro de anteontem, 10.º contra os britânicos, a equipa portuguesa fez 70 jogos internacionais: 12 contra a Bélgica (11 vitórias, 1 derrota e 61-14); igual número com a Suíça (8 vitórias, 3 empates, 1 derrota e 37-19); 11 com a França (7 vitórias, 1 empate, 3 derrotas e 45-25); 10 com a Itália (4 vitórias, 2 empates, 4 derrotas e 27-25); 7 com a Alemanha (4 vitórias, 3 derrotas e 15-17); 4 com a Espanha (3 vitórias, 1 derrota e 11-10); e 1 com o Egito (13-0), França-B (11-1), Holanda (15-0) e Itália-B (2-3). Contra a Inglaterra, nas nove partidas anteriores, ganhara-se uma vez (3-0) e perderam-se as restantes (7-33).

Até segunda-feira, Portugal tinha no seu activo, 69 jogos: 41 ganhos, 6 empates 22 perdidos — com o «score» geral de 247-147. Cem golos certinhos, portanto, de vantagem!!! E' bonito. Mesmo muito bonito. E só há que elogiar os briosos oquistas lusitanos — que, mais uma vez, além-fronteiras, dignificaram o desporto nacional da maneira mais brilhante.

QUANDO a equipa de Portugal de oquei em patins foi perder, a Madrid, com a Espanha, por cinco golos sem resposta (e nessa altura acendámos ter sido o 13.º desafio, depois do torneio de Montreux, em Abril de 1947, intitulando até o nosso desprezencioso quádo sincero escrito: — Se o 13 deu azar porque se espera?! dissémos claramente — contra a corrente da grande maioria dos nossos colegas — não haver motivos fortes para desânimo pelo simples facto de se ter perdido um jogo.

Respigamos desse artigo (n.º 273 da «Stadium» de 25/2/1948) os dizeres seguintes: «Os briosos e valentes representantes do oquei lusitano — autenticamente campeão do Mundo, apesar de derrotados, em circunstâncias especiais, na sua primeira saída — não ficaram diminuídos pelo facto de perderem em Madrid. Que, em desporto, nem sempre se vence...» E mais adiante — a concluir a ideia — que teve plena confirmação: «O principal, o importante, o indispensável — que a derrota de Madrid passou! — é conferir aos representantes do oquei lusitano, no próximo torneio internacional de Montreux, toda a simpatia, aplauso e apoio. Indispensável. Necessário. Basta de derrotismos... Já outros colegas se pronunciam — e nós não vemos o «caso» tão feio como lhes parece! Para finalizar: apoio incondicional a quem dirige e aos eleitos para a equipa. Com a certeza que hão-de cumprir. Quão bem saberia a confirmação de um título — em Montreux, na Suíça, fora de Portugal — ganho com tanto merecimento em Lisboa. Confie-mos. E, sinceramente, desejemo-lo».

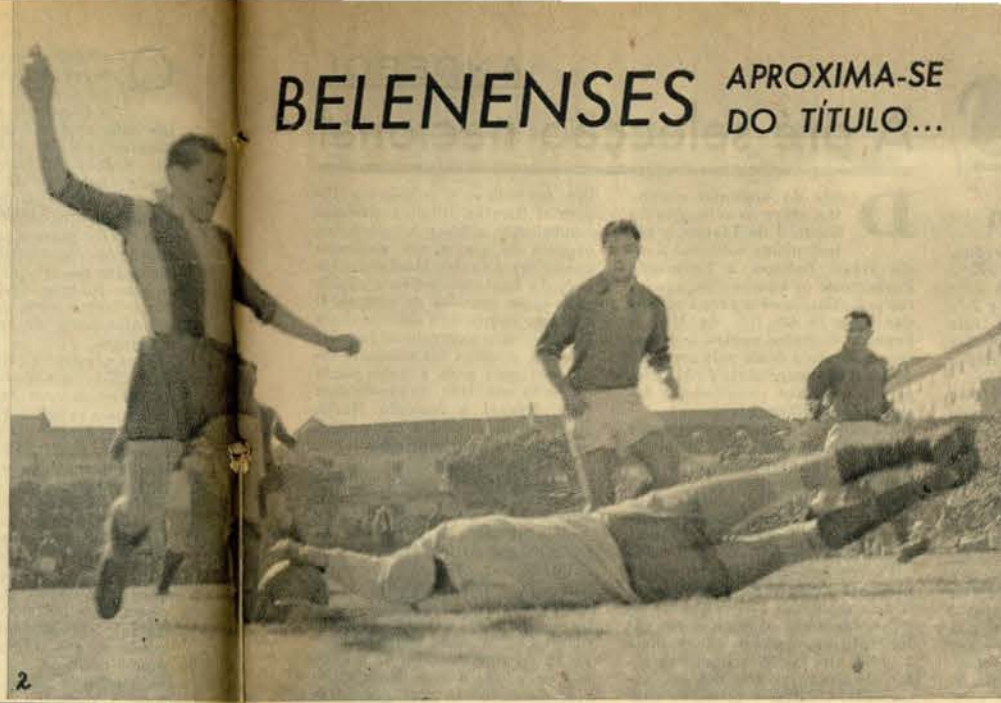
Estávamos, pois, dentro da razão. Aquele bravo punhado de desportistas que foram à Suíça soube corresponder perfeitamente ao que deles se esperava. A confirmação dos títulos de campeões do Mundo e da Europa é um duplo triunfo. Porque esperava, sinceramente, enfileirando na galeria dos mais confiantes. Gritos de alê-mo! Para quê e por quê?! Se não havia motivo para tanto... E, já agora, uma confissãozinha: — Nós, que há mais de uma vintena de anos acompanhámos estas andanças oquisticas, sempre com o entusiasmo moço dos primeiros dias, nunca sentimo-lho tão grande alegria como desta vez; nem mesmo com o triunfo alcançado em Lisboa em 1937. E, compreenda-se, por duplo sentido: é que jamais descremos das facultades dos nossos «internacionais» e nem sequer afinámos pelo diapasão quase geral do côro incontinido das reprovações! Antes assim. E ainda bem...

Um bravo, portanto, aos oquistas lusitanos. E parabéns sinceros pelo novo triunfo — confirmação plena de valores. Tinhamos a certeza de que assim iria acontecer. Como sucedeu. Obrigado, rapazes, pela grande alegria que nos desteis: a nós todos, portugueses e desportistas, fanáticos do oquei e amigos devotados de uma modalidade que se impôs definitivamente no conceito internacional à custa de múltiplos sacrifícios. Mas com glória. Obrigado — mil vezes obrigado!

Jorge Monteiro



1



2

BELENENSES APROXIMA-SE DO TÍTULO...



1

O JOGO DE COIMBRA



2

Fotos MARQUES CARVALHO



3



Fotos AMADEU FERRARI



Benfica-Vitória de Setubal — Apresentamos três curiosas fases do encontro, intervindo em todas elas Espírito Santo (o avançado mais em jogo), e Baptista (o guardarede que defendeu muito), Espírito Santo é rápido, veloz e bom atleta. Baptista, ágil e de boa visão. Dois magníficos jogadores



3



4

Belenenses-Porto — 1 — Sério defende, sob a protecção de Serafim: Correia Dias e Amaro observam com atenção. 2 — Sério mergulha aos pés de Sanfins; Felletano aguarda. 3 — Barrigana evitou a entrada de Teixeira da Silva, e um defesa aliviou o campo. 4 — Teixeira da Silva disputa a bola, num ataque



1 — Pacheco Nobre e Branco cortam uma avançada de Guimarães; 2 — Alberto Gomes em frente de Machado; 3 — A defesa de Guimarães conseguiu livrar-se de Bentes; 4 — Uma intervenção de Branco

A pré-selecção nacional

Números que falam e avisam

O Boletim da Delegação Nacional de Espanha publicou no seu último número a lista dos dez melhores atletas de Espanha, em cada prova do programa olímpico, na época de 1947; pudemos assim fazer exame comparativo com os resultados portugueses e, servindo-nos de elementos semelhantes relativos aos anos anteriores, colher significativos dados para estabelecer confronto entre as curvas de evolução relativa nos dois países ibéricos.

As conclusões averiguadas são pouco lisonjeiras para nós e parece-nos dignas de divulgação pela sua eloquência e porque podem ser tomadas como preciosos avisos.

Resumidamente, apura-se que em 1945, no ano em que ganhámos o Portugal-Espanha, pertenceram-nos os melhores resultados ibéricos nos 100, 200, 400, 800, 5.000 e 10.000 metros, nas duas corridas de barreiras, nos saltos em comprimento, com vara e triplo e no lançamento do martelo (12 provas em 17); os nossos amigos e vizinhos tomaram o aviso a sério e no ano imediato só alcançámos as marcas n.º 1 nos 100, 200, 10.000 metros, nos 400 metros-barreiras, no triplo salto e no martelo; na época finda a lista resume-se aos 100 metros, 110 metros-barreiras, saltos em altura, comprimento e triplo e lançamento do martelo.

Mais elucidativo: nos 1.500 metros, o nosso melhor clasifi-

cou-se nestes três anos referidos, sucessivamente 2.º, 5.º e 8.º; nos 5.000 metros, 1.º, 4.º e 7.º; nos 10.000 metros, 1.º, 1.º e 7.º.

Em 1945, classificámos seis homens nos oito primeiros dos 200 metros; em 1946, quatro e em 1947, três.

Se formássemos hipotéticas equipas com os dois melhores de cada país em cada prova, Portugal ganharia em 1945 por 98,5 p. a 71,5 p., pertencendo-lhe igualmente a primazia se as equipas fossem formadas por três, quatro ou cinco atletas; na época imediata o panorama esportivo inverteu e os espanhóis levariam sempre a melhor, por 96,74 p. no caso das equipas de dois. Este ano findo a posição agrava-se muito para nós nas hipóteses de equipas numerosas e a derrota cifra-se, para as equipas de dois por 92,5-77,5 p., ligeira melhoria devido aos concursos.

Em relação a 1945 melhorámos no conjunto dos dez, no triplo-salto e no dardo, mantivemos posição nos 100 metros e no lançamento do martelo, piorámos nos restantes; em relação a 1946 melhorámos nos 110 metros-barreiras, no salto em altura, com vara e triplo, no lançamento do peso, disco e dardo, mantivemo-nos nos 100 metros, 400 metros e salto em comprimento.

Ficam estes números para meditações; e também para cautela antes do encontro que nos espera em Julho.

A mulher e a moda

A educação física da mulher tem exercido indubitavelmente uma influência na evolução dos seus hábitos e costumes; e, também, se pode afirmar a existência de paralelismo entre a evolução social da mulher e a sua educação, em particular a sua educação física.

A ideia que traduz o papel feminino na sociedade resulta, sem dúvida, do aspecto que os ditames da moda lhe impõem, cujo padrão geral, cujo estilo — escurecia há dias um cronista francês — procuram reflectir o estado psíquico sonhado para a companheira do homem e, talvez ainda, o carácter aparente que o vestuário imprime à mulher, consoante, por uma espécie de mimetismo, influenciando o seu estado de alma. Aliás, a moda, pelo facto de ser ou não prática, de permitir ou não os seus acessórios uma liberdade e maior vivacidade de acção, tornando a mulher desembaraçada e dinâmica, ou peando-lhe os movimentos, parece indicativo da parte que lhe é atribuída na grande obra social, tornando-a elemento activo de colaboração ou simples e inútil espectadora.

O século vinte veio libertar a mulher de muitos apetrechos de

vestuário contrários à lei da natureza, tendentes a dar-lhe uma linha artificial, contornos por vezes anti-anatómicos e prejudiciais; a divulgação das práticas de educação física, pela ginástica ou pelo desporto contribuiu muito para esta conquista dos direitos da razão.

Por isto espana que agora os ditadores da moda pretendam impor um perfil revolucionário, que é afinal um regresso aos velhos tempos condenados: a cinturinha de vespa, comprida por um espartilho inquisitorial, com 46 centímetros labelados para perímetro é uma aberração contra a qual todos devemos levantar clamor de protesto. Porque não queremos, nós, os homens, mulheres artificializadas, com órgãos de fundamental importância fisiológica, como o fígado, o estômago e o baço, deformados e aniquilados por esses instrumentos de tortura.

Esta concepção da beleza feminina não pode já satisfazer a nossa época. A ciência, a civilização, as necessidades da vida desviaram-nos para normas mais saudáveis; os higienistas lançaram o primeiro brado de alarme, logo secundado pela expansão dos hábitos de vida ao

Depois do segundo encontro entre as selecções do Porto e de Lisboa, o seleccionador nacional Acácio Rosa indicou à Federação Portuguesa os nomes dos jogadores pré-seleccionados para a equipa que deve ir em fins de Maio a França, disputar contra o grupo representativo deste país o quarto de final do campeonato do Mundo, para o qual nos classificou a desistência da Espanha.

Os nomes indicados, força-nos a confessá-lo, são precisamente aqueles que esperavamos; isto não quer dizer que sejam com certeza os melhores, mas significa que o crítico está em inteira concordância com o critério do dirigente responsável.

Parece-nos que temos grupo nacional digno da honrosa incumbência confiada: Délio, nas redes, é inequivocamente o melhor em valor relativo, mas, o que é mais importante, também bom em valor absoluto; os dois defesas Natividade e Mira, o primeiro com a sua segurança e espírito de antecipação, formam uma barreira difícil de transpor; na linha média, Nunes é o homem que enche o terreno e Valério, fisicamente mais preparado, poderá ser seu digno parceiro; Macára ou Pires, cuja escolha depende da forma ocasional, são, realmente, de entre os restantes os mais indicados.

Na linha atacante contamos com dois grandes interiores: o portuense Fonseca — se a sua saúde

lho permitir — e o lisboeta Pimentel Saraiva, inteligentíssimos condutores e bons rematadores, capazes de servir nas melhores condições o centro Montalvão, ele próprio bastante activo e rápido para criar ocasiões de remate. O extremo esquerdo Fábão, embora já não seja o excepcional jogador que foi, é ainda um elemento indispensável; para a outra ponta da linha são três os candidatos: Ceia, Leonel e António Mário, cujas probabilidades antevemos pela ordem aqui indicadas.

A preparação atlética e aperfeiçoamento técnico dos jogadores vai principiar, a cargo do prof. Moniz Pereira e do seleccionador Acácio Rosa, sob a fiscalização permanente do inspector da modalidade, dr. Salazar Carreira. Como já é conhecido, foi o Director Geral dos Desportos quem tornou possível a realização deste plano de trabalho, concedendo à F. P. A. um subsídio de quinze mil escudos; o organismo superior do desporto português, tratando-se de uma futura representação nacional, manterá meticulosa assistência, exigindo dos seleccionados a indispensável assiduidade às sessões de treino, cujo horário não foi ainda estabelecido, mas deve comportar o mínimo de duas sessões semanais, com ginástica adequada, preparação atlética e estudo tático.

José de Eça

BASQUETEBOL

O Atlético é o novo campeão de Lisboa!

Terminou no sábado o Campeonato de Lisboa de basquetebol, e com ele um êxito do Atlético Clube de Portugal. De facto, os alcantarenses atravessaram a prova quase sempre no comando da classificação e só a sua inesperada derrota contra o Lsgs os colocou em situação de poderem ser passados pelo Benfica. Assim, o campeão, que parecia «arramado», teve, inesperadamente, um final emocionante, pois o jogo Benfica-Atlético indicaria o campeão de Lisboa de 1948.

ar livre, de prática dos exercícios físicos que exigem trajos singelos e sem artificios.

A vida actual com suas necessidades crescentes, seu ritmo acelerado, sua vertigem dominante da velocidade, já não é compatível com a mórbida languidez tão apreciada pelos nossos avós do século passado. A mulher participa cada vez mais na acção social e por isso, por tudo quanto apontamos, a moda que se lhe quer impor é um contra-senso e um anacronismo.

S. C.

(Continua na pág. 15)

Rogério disse a verdade

(Especial para «Stadium», do nosso redactor no Rio de Janeiro, CANDEIAS ALVAREZ)

Embora não pareça, temos alguma razão. Felizmente, a boa imprensa brasileira vai dizendo de sua justiça, e os mais categorizados jornalistas vão pondo a claro uma série de incidentes que colocam o futebol brasileiro em situação delicada. Nem sempre — mas algumas vezes.

Vejam, por exemplo, o que nos diz o jornalista Gagliano Neto, ainda falando de Rogério: «Rogério disse uma porção de coisas sobre Heleno e o futebol brasileiro. Tanto bastou para que, nesta quadra de falta de assunto esportivo, houvesse muita «manchette» desagradadora e muito comentário azedo contra o hoje famoso extrema esquerda portaguês.

Essa história do Rogério faz-me lembrar a daquele cientista norte-americano, que após visitar o nosso país escreveu umas tantas verdades sobre a falta de higiene nos hotéis e restaurantes, nos hospitais e em outros pontos onde o assento é condição principal. Com a mesma franqueza, o citado cientista julgou os métodos da nossa medicina muito atrasados em relação aos empregados pelos norte-americanos.

Foi o diabo! Revoltou-se o verde-amarelismo dos 80 por cento de analfabetos, dos 15 milhões de impaladados e dos inúmeros milhões de sífilíticos e tuberculosos. Aquele americano era um sábio, um indivíduo que

não sabia, não ao menos, agradecer as gentilezas aqui recebidas.

Vieram depois os «Comandós» do prof. Caprignone e ficou constatado que a coisa era muito mais grave do que o norte-americano pensava...

De sorte que, passado o rumor provocado pelas «manchetes» desagradadoras, e bem analisadas as declarações de Rogério, vemos que o rapaz disse sómente a verdade.

Então quem é que não sabe que Heleno estrala contra os próprios companheiros do primeiro ao último minuto de jogo? Então não é verdade que é costume entre nós residir as fintas com um ponta-pé sem bola? Então não é verdade que no campeonato de 1948, só em jogos do Botafogo, houve três incidentes muito graves, a saber: no jogo com o Fluminense, um torcedor agrediu Bigode a socos; no jogo com o Olaria, houve aquela cena Gerson-Aleixo e no do Flamengo verificou-se o «caso» Mario Viana versus torcedores. Então

não é verdade que se verificaram acidentes graves, de fraturas, com o goleiro do Olaria, com Esquerdinha do América, com Jorginho do Olaria e outros?

Sejamos, portanto, razoáveis. Rogério disse, apenas, a verdade. Esqueça algumas ou, quem sabe, não quis dizer-las, porque há verdades que não se dizem.

Uma solução humorística...

Contra uma série de atitudes que o bom senso condena, propõe o dr. Ari Leão, no parecer de outro jornalista brasileiro, as seguintes soluções:

«Vamos sugerir como poderão os clubes resolver, interinamente, o problema das invasões de campo e agressão a juizes e jogadores. O remédio é bom e barato. Vejamos:

São Cristóvão: — Colocar em volta do campo cinco mil raioteiros grandes e armados.

Olaria: — Circundar o terreno de jogo com um muro de cinco metros, feito de tijolos.

Botafogo: — Electrificar a actual cêrca com uma corrente de 5.000 «volts».

Bangu: — Reguilar, nos dias de jogo, dazentos «hóspedes» da «Colônia Juliano Moreira» para, armados de metralhadoras, entrarem em acção nos casos de invasão.

Flamengo: — Transferir a arquibancada gigante para o lado de lá da lagoa, no bairro do Leblon.

Fluminense: — Enterrar na pista de atletismo minas sobterrâneas, prontas para explodir na primeira pisadela.

Madureira: — Distribuir em volta do gramado: três leões, quatro tigres, duas cobras e dois elefantes. Este serviço poderá ser chefiado pelo técnico Aniceto Moscoso.

Bonsucesso: — Cercar o campo com «tanks». Nos dias em que actuarem os juizes Alberto Malcher e «Tijolo», os «tanks» deverão ser dos maiores.

Vasco: — Instalar, em redor do gramado chuveiros eléctricos. Na hora «x» é só ligar a água.

Canto do Rio: — Dividir o público por meio de uma fossa. Os espectadores carlocas ficarão na Praça Quinze de Novembro e o jogo será no «Casto Martins».

Rogério sempre terá razão?

Noticias várias

A temporada internacional dos Clubes brasileiros tem sido coroada do maior êxito, que diz bem do valor do futebol sul-americano.

Depois das vitórias do Vasco da Gama no «Torneio dos Campeões» em Santiago do Chile temos a acrescentar mais as conseguidas pelo América na sua digressão à Colombia onde já disputou 3 desfilos, com outras tantas vitórias.

O Botafogo depois do insucesso da sua pretensa digressão à Europa está de malas prontas para uma pequena temporada na Bolívia e dispôs a acrescentar aos feitos dos seus compatriotas mais alguns que dêem ao Brasil o título do País que mais vitórias tem conseguido no campo internacional por intermédio dos seus Clubes.

Já seguiram para Montevideo os seleccionados que integrarão a selecção brasileira na disputa das copas «Roca» e «Rio Branco».

A selecção brasileira que terá por base o team do Vasco da Gama conta com os seguintes elementos: Do Vasco da Gama: — Augusto, Ely, Danilo, Jorge, Friça e Ademir; Do Flamengo: — Luis, Jair e Newton; Do Botafogo: — Heleno e Gerson; e do Atlético Mineiro: — Lero e Carleyle.

A Comissão desportiva do Automóvel Clube do Brasil já tem organizado o seu calendário para as grandes provas internacionais que se realizam no Rio e em São Paulo durante o corrente ano e às quais concorrerão além dos volantes nacionais, onde é justo destacar o nome de Francisco Landi, — o português Manuel Fernandes da Silva que pilotará uma «Maserati» de 2.500 c.c. que lhe foi ofertada pela Colônia Portuguesa de São Paulo e Rio e cujo custo orçoa em cêrca de 300 mil cravezios, e dos pilotos italianos Villioresi, Varsi e Navolari, franceses Ralli e Vinile e do famoso Pintacado.

O Campeão de Portugal e da Europa de luta greco-romana Manuel de Oliveira que ora se encontra no Rio de Janeiro disputando o Bronze da Cidade do Rio de Janeiro, fez a sua apresentação ao público carioca, conseguindo uma brilhante e rápida vitória sobre o violento lutador brasileiro Mesnik. Toda a crítica teve elogios à técnica e força do lutador lusitano a quem já apelidam de «Maravilha».

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

Bicicletas

«HELIOS» 1.330\$00

«RALEIGH» 1.990\$00

Peçam novas tabelas

Armando Crespo & C.ª

Rua do Crucifixo, 116 a 124

LISBOA — Telefone 27027

RUGBI

Não se pode jogar sem conhecer as regras

O campeonato de Lisboa de rugby está prosseguindo regularmente, apesar de alguns incidentes desagradáveis, mas aos quais se tem conseguido pôr cobro com energia disciplinar e apelando para o bom senso de todos. O encontro Agronomia-Benfica era, por motivos especiais, aguardado com expectativa e levou ao campo de treinos do Estádio Nacional algumas centenas de espectadores curiosos. Felizmente tudo correu pelo melhor, a partida disputou-se na normalidade e o Benfica averbou nítida e merecida vitória, porque possui de facto o melhor conjunto.

No entanto, para o observador imparcial, as exhibições actuais do nosso rugby são confrangedoras, pela ausência geral de conhecimento das regras e do espírito de jogo por parte dos jogadores e, até, dos árbitros. Isto não é motivo para desânimo ou descrença; mas é preciso dizê-lo para desfazer ilusões e para estímulo do estudo e aperfeiçoamento das leis e sua interpretação prática.

Da nossa observação resulta que as bases fundamentais da forma de jogar das nossas equipas, são o pontapé à linha — na melhor das hipóteses —, o pontapé para a frente, no género futebol e a corrida em sentido transversal. As placagens são feitas de salto, ao pescoço do adversário, sucedendo na maioria das ve-

zes que este prossegue a sua acção, sendo o placador quem rola pelo solo.

É necessário, portanto, ensinar a atacar passando a bola de mão em mão e ensinar a defender prendendo o antagonista pelas pernas.

Outro ponto capital a esclarecer é a interpretação dada à regra das deslocações, completamente errada ao presente e que impede o desenvolvimento claro de qualquer jogada de ataque. É certo que agora deixou de haver deslocações (salvo casos determinados) quando a bola vem ou tocou um adversário; mas não é menos verdade que continua válida uma outra lei que estabelece uma distância de dez metros entre o jogador deslocado e o adversário que se prepara para receber a bola. A primeira não invalida a segunda, mas os nossos árbitros e jogadores não a consideram assim e transformam as partidas de rugby numa autêntica e incompreensível barafunda.

Como se pode delinear uma jogada se, ainda a bola dentro da formação, já o médio tem de sentinela dois adversários deslocados?

Chamando para estes factos a atenção dos interessados julgamos servir a propagação e o progresso do rugby; porque, no ritmo actual, nem se atrai o público nem se captam novos adeptos.

Salazar Carreira



Flávio (treinador): Dantlo, Rafanelli, Augusto, Jorge, Ely e Barbosa, de pé; Djalma, Friaça, Dimas, Lélê, Chico e Mário, massagista, sentados



Lélê, encoberto, Dantlo e Manecas, são arrebatados pela multidão de adeptos



Os jogadores do Vasco ao chegarem ao Aeroporto Santos Dumont, após o seu retubante triunfo no Chile

VASCO da Gama

do RIO de JANEIRO

Campeão dos Campeões!

O nosso conhecido Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, cobriu-se de glória com a sua visita a Santiago do Chile. Assim o compreendeu o público brasileiro, que recebeu os vascainos com demonstrações de intenso júbilo, com poucas vezes se terá visto no Rio de Janeiro. A presente reportagem gráfica o prova.

Para dar uma ideia da maneira imponente como se prestou homenagem ao Vasco da Gama, bastará dizer que «200 mil pessoas aclamaram os heróis de Santiago» — no dizer de um crítico brasileiro, que nos diz ainda o seguinte:

«Ainda perduram os ecos das manifestações do público carioca aos jogadores do Vasco da Gama que tão alto elevaram o desporto brasileiro no Torneo dos Campeões Sul-Americanos disputado em Santiago, no Chile. Os vascainos, nesse certame onde compareceram sete nações, entre as quais se contam quatro que representam em verdade, a supremacia do futebol continental, escreveram a página mais brilhante do futebol brasileiro em terras estrangeiras.

O Brasil, Argentina, Urugual e Chile representam a força máxima do futebol sul-americano. No Torneo Sul-Americano de Campeões, esses quatro países fizeram-se representar no certame, acompanhados de equipas do Perú, Bolívia e Equador que, embora de menor projecção, constituem forças valorosas do «occer» do continente.

Assim, num desfile de campeões, pisaram o estádio Nacional de Santiago o Vasco da Gama, campeão do Rio de Janeiro; River Plate, campeão da Argentina; Nacional, campeão urugualo; Colo-Colo, campeão chileno; Municipal, campeão peruano; El Litoral, campeão boliviano; e Emelec, campeão equatoriano. No primeiro encontro o Vasco da Gama derrotou o El Litoral, da Bolívia, pela contagem de 2-1. A segunda partida foi disputada contra o famoso esquadrão do Nacional, de Montevideu, campeão urugualo. Os vascainos conseguiram a mais espectacular vitória do certame, abatendo o campeão urugualo pela contagem de 4-1. A terceira partida, contra o Municipal, do Perú, redundou num triunfo vascaino por 4-0. No quarto desafio, jogando contra o Emelec, do Equador, os cruzmaltinos foram vencedores por 1-0. A quinta partida, jogada contra o Colo-Colo, campeão do Chile, reforçado de elementos estranhos, terminou empatada por 1-1. O último encontro, com o famoso River Plate, campeão argentino, terminou empatado, sem abertura de contagem. Mesmo antes de terminar o campeonato já o Vasco da Gama se havia sagrado campeão com um ponto à frente do River Plate.

O feito glorioso dos vascainos foi celebrado no Rio de Janeiro, à sua chegada, com a maior manifestação de que há memória nos annos do desporto brasileiro. Melhor do que nós falam as gravuras que ilustram esta página em especial de «Vasco em Dias».

A delegação vascaina que esteve em Santiago, no Chile, era composta dos seguintes elementos: Directores: Diogo Rangel e Major Octavio Povone; técnico, Flavio Costa; médico Amílcar Gifoni; massagista, Mario Américo. Jogadores — arqueiros: Barbosa e Barqueta. Zagueiros: Augusto, Wilson e Rafanelli. Médicos: Jorge, Dantlo, Eli e Moacyr. Atacantes: Djalma, Nestor, Ademir, Maneca, Friaça, Ismael, Lélê, Dimas e Chico.»



A multidão recebeu o Vasco da Gama com grandes manifestações de entusiasmo

A Corrida de Domingo de Páscoa no Campo Pequeno

COM meia entrada fez-se no Campo Pequeno a abertura oficial da temporada, e resultou pouco divertida a corrida, como abaixo se verá.

1.º de Norberto Pedroso, grande e gordo. José Casimiro crava três farpas, uma à tira e duas à volta, e dois curtos, tudo com aplausos e chamada, ao cavaleiro que não aos forcados que depois não puderam fazer a cernelha.

2.º Augusto Gomes é recebido com aplausos ao levar a ferpa a Manuel Conde que brinda a Manuel dos Santos, sendo o «espada» da Golegá carinhosamente reconhecido pelo público. O touro é também de Norberto Pedroso, e remata bem nas taboas. Manuel Conde, perseguido e tocado, crava duas farpas à volta e uma a sesgo. Muda de cavalo e crava dois curtos pelo que é aplaudido e chamado.

Por falta de ajudas oportunas e eficazes vão dois forcados para a enfermaria, um com fractura da perna esquerda e outro contuso no torax.

3.º de Lima Monteiro, manso, com arrancadas incertas, e tarde Vito usa da capa com vista e crava boas pares. Com a «muleta» começa por ajudados, depois com passes naturais, e é colhido e volteado ao dar o de pelto, não voltando a sair da enfermaria, contuso, mas sem gravidade.

4.º de Lima Monteiro, malor e bravo. Augusto dá «verónicas» e «chicuilinas» com aplausos. Bandarilha ao «quebro» e ao quartel e com a «muleta» varios passes ajudados, «manoletinas» e «molinetes».

Ovação e volta. Intervalo.

5.º de Lima Monteiro, para José Casimiro que crava quatro farpas boas. Palmas. Prévia preparação, um curto de valor. Ovação. Edmundo pega de cara, bem, mas o touro derrota-o, por falta de ajudas.

6.º de Norberto Pedroso, bravo. Alé «recorda» os seus seus melhores tempos em «ve-

rónicas» apertadas e com meia rematados. Ovação. Manuel Conde crava duas farpas boas e três curtos magníficos o primeiro, que devia ser o último, para acabar bem. Ovação. Chamada com os forcados que pegaram de cernelha.

7.º de Lima Monteiro, regular. Gomes dá uma série de «verónicas». Crava bem ao «quebro». Palmas. Brinda ao sr. Manuel Crespo, gerente do Campo Pequeno, e começa por ajudados, depois por naturais e regressa aos ajudados para tocar uma haste e ajoelhar de costas. Palmas.

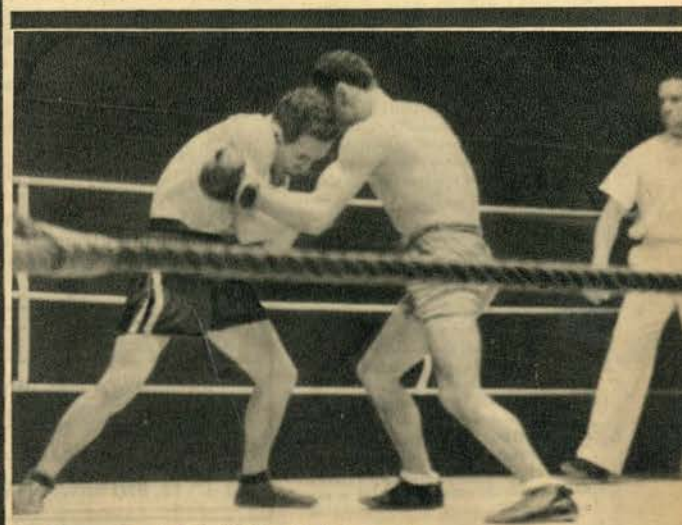
8.º de Lima Monteiro, investindo mal. Sebastião crava dois pares bons, e Alemão melo. O Augusto pouco ponde fazer, que o touro não era de molde a alegrar a tarde já adiantada.

Em boa verdade a corrida não teve grande interesse, apesar dos touros do sr. Norberto Pedroso estarem bem apresentados e investirem bem, um muito bem até, e dalguns do sr. Lima Monteiro se deixarem tourear. José Casimiro toureou bem, mas com certa apatia, e Manuel Conde, que se vem firmando, e marcando um tipo de cavaleiro que tem seu público, está no período em que a boa vontade o leva ainda a excessos. «Vito» deixou-se ver com as bandarilhas, mas o touro, que afinal o colheu, era manso e tinha as arrancadas próprias de manso. A Augusto aconteceu-lhe o pior que lhe podia acontecer: coube-lhe um bravo dos que descobrem o toureiro, e depois, pela colhida de «Vito» teve de lidar mais um, comprometendo-se com a fatura, ainda que marcando os seus conhecimentos de toureiro, a sua boa vontade. Bandarilhando e bregando distinguiu-se Sebastião Saraiva. Os forcados desunidos, como quase todos de agora. E mais nada.

Rogério Pérez

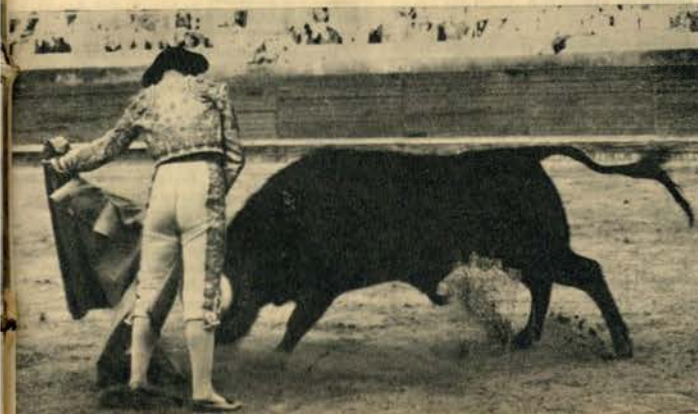


Boavista 2 - Sporting 1 — 1—Azevedo tira a bola da cabeça de Armando no momento preciso. 2 — ...E Barros marca o 2.º golo do Boavista; 3 — Um remate de Fernando Catão, o melhor avançado em campo



A sessão do Pavilhão de Desportos — O campeão Miguel França ataca impetuosamente, vendo-se o francês Astoin numa defesa cerrada

Boxe



Augusto Gomes no seu estilo característico

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

MOSAICOS nortenhos...

SIMPLES RECORDAÇÕES...

Em tempos, desenvolveu-se uma campanha que amolecia o espírito de alguns jogadores portugueses. E também do público. Estabeleceram-se confrontos arrojadíssimos, brincou-se com algumas coisas muito sérias... Houve jogos que tinham apenas reclame à volta de certos valores pessoais, esquecendo-se a categoria das equipas e a importância do futebol.

Não impusemos a discussão, mas sorrisimos muitas vezes. Para quê o contrário? Parecia-nos que o jogo de Madrid, por exemplo, poderia pôr tudo no seu lugar, e talvez os adeptos da campanha dessem nessa altura o dito por não dito.

Pois alguma coisa se viu. Não esperávamos tanto...

BARRIGANA e ARAUJO

Cumpriram, evidentemente, com a sua obrigação, se esquecermos as condições difíceis em que actuaram. Barrigana, que saiu efectivo, pelo menos segundo opinião geral, viu-se colocado no papel de suplente, na capital espanhola.

Mas na segunda parte foi reparado o erro. E Barrigana, castigado com uma bola de grande penalidade a menos de 2 minutos, soube demonstrar a serenidade que os seleccionadores lhe não queriam atribuir.

Quanto a Araújo, nem valerá a pena insistir. Porque não desejamos tirar valor a outro colega de equipa, que consideramos excelente jogador.

Recordamos, entretanto, que dois críticos competentes o classificaram entre os bons jogadores portugueses: Tavares da Silva e Ricardo Ornelas.

DEMITIU-SE TODA A DIRECÇÃO DO F. C. DO PORTO!

Não foi dada qualquer satisfação ao F. C. do Porto no «caso Olhanense» e no «caso do jogador Carvalho». A atitude surpreendeu e molestou de tal modo que a direcção do clube mais importante do Norte apresentou o seu pedido de demissão colectiva.

Ao mesmo tempo, dirigiu ao Senhor Ministro da Educação Nacional uma larga exposição sobre o assunto.

Assuntos de momento

Ventilou-se já o caso: — a entrada da equipa de basquetebol do F. C. do Porto no grupo dos concorrentes do campeonato da Divisão de Honra. Salvo melhor opinião, achamos que os federativos fizeram bem — recusando.

De momento, o F. C. do Porto não possui equipa com a categoria requerida a concorrentes da Divisão maior e, além disso, é preciso que se dê o máximo de Verdade a estas coisas de desporto. Pretendia-se, naturalmente, aproveitar o som da popularidade, em prejuízo da «qualidade» que aos grupos deve exigir-se.

Não se diz que o F. C. do Porto vale muito pouco em basquetebol. Mas não vale tanto que justifique uma campanha tendente a colocá-lo em presença de um fracasso.

Não, não. No basquetebol como em tudo, é preciso enfrentar a situação. Defendendo exageradamente a entrada de grupos mal preparados, ceiremos fatalmente um círculo vicioso e nada digno. Sofram os clubes, na justa medida, as consequências do seu desinteresse em certos campos da actividade.

Esta semana, segundo se tem dito, reúnem-se alguns associados do F. C. do Porto num jantar de confraternização, sonho do antigo desportista sr. José Donas. Calculamos que a festa corresponda aos desejos por várias vezes manifestados pelo acreditado dirigente.

Um clube como o F. C. do Porto progredirá sem dúvida se houver conjugação de todos os esforços. Na fase actual, tendo na sua frente um futuro que merece ser atingido, só as boas vontades devem ser observadas.

Assim se pensa com certeza ao organizar o banquete.

CURIOSIDADES...

Final: — sempre tínhamos alguma razão há uns tempos, quando anunciamos o regresso de Romão. As conversas ficaram apenas prejudicadas por via de intervenções estranhas. Romão, ao fim e ao cabo, voltou ao F. C. do Porto.

♦♦ O castigo aplicado a Carvalho e os «sucessos» que esmaltaram a visita do F. C. do Porto a determinado campo, colocaram por cá uma nota de mau humor irreprimível.

♦♦ Anunciou-se o pedido de demissão de Joaquim Eloi Silva, figura de preponderância nos campeões nortenhos. Motivo: casos passados à volta do Olhanense-Porto, que Eloi Silva viu mal resolvidos.

♦♦ Herculanu Mendes, o simpático atleta, treinador e campeão, despedir-se-á do atletismo. Eis uma justíssima homenagem: Herculanu foi sempre de uma correcção e de um desportivismo invejável.

♦♦ Tomaram posse novas direcções. As do Salgueiros e do Boavista entram animadas e desejam fazer progredir o mais possível os seus clubes. Como todas as outras, evidentemente.

LEÃO DE OURO

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE

— BAR —

CEVEJARIA — MARISCOS

Rua 1.º de Dezembro, 89 a 99 — Telefone 2 6195 — LISBOA

DOIS OQUISTAS

PORTUENSES NA SELECÇÃO

Da selecção portuguesa de oquei em patins fazem parte dois portuenses: — Ribeiro e Manuel Soares. Vê-se que o oquei nortenho começa a ter as suas responsabilidades e o seu favoritismo próprio. A indicação dos dois atletas portuenses valoriza a acção dos nossos representantes, e, praticamente, a própria modalidade.

Joguem ou não joguem na Suíça, principiou para o oquei portuense uma aureola de prestígio. Estava bem carecido dele. E também o merecia, pois tem-se esforçado os dirigentes e os praticantes.

FERNANDO MOREIRA

DESMENTIU...

Principiou já a época de ciclismo. No primeiro dia ganhou Dias dos Santos, e Fernando Moreira classificou-se em 2.º lugar.

Apareceu-nos, portanto, envergonhado de novo a camisola do F. C. do Porto, o ciclista Fernando Moreira, que algumas notícias deram transferível para... Lisboa. O desmentido foi completo. Parece que uma baixa se verificará: — a de Onofre Tavares. Os aficionados nortenhos nem se surpreenderam nem se deram a comentários de qualquer natureza.

Para quê? De facto — não cairá o Carmo e a Trindade...

UMA DERROTA

NO ANDEBOL

«Ora agora viro eu, ora agora viras tu...». Foi assim na luta Porto-Lisboa e Lisboa-Porto do andebol. Mas na última jornada, no Lumiar, talvez tivesse faltado direcção absoluta. Os nortenhos perderiam, segundo a crítica, fazer melhor.

Diga-se que a defesa portuense não corresponde inteiramente às necessidades da equipa. Um desportista que assistiu fez-nos esta afirmação: — «se o guarda-redes lisboeta passasse para as redes portuenses, em qualquer dos jogos, talvez os resultados fossem esmagadores».

Pois sim. Mas Dêlio não é de cá — é de lá...

PIMA e CESAR

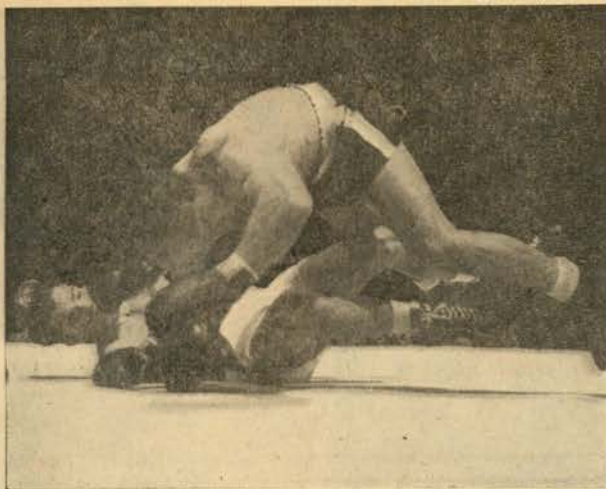
DOIS IRMÃOS

INTERNACIONAIS...

Para o encontro Portugal-Espanha em basquetebol foram indicados os irmãos Nogueira Cardoso (Pima e Cesar). Nada mais justo, pois tratase de dois elementos da melhor categoria.

Foi esquecido o pequeno Dias Leite. Talvez sim. Talvez não. Mas o basquetebol portuense estará representado na próxima selecção nacional pelos dois briosos vascos, e oxalá nos demonstrem que foram bem escolhidos pelo seleccionador.

Há apenas para dizer que os restantes grupos não deram ainda ideia de capacidade. Por isso, naturalmente, não foram lembrados.



Flagrante instantâneo do combate Cerdan Levern Roach, tomado no 2.º assalto, quando o jogador marroquino atirou o americano à lona e, levado pelo impulso, seguiu atrás dele

NOTA DA SEMANA

A Comissão Atlética do Estado de Nova York, organismo oficial que tem a seu cargo a supervisão dos desportos do boxe e da luta, acaba de publicar o seu relatório anual referido a 1947.

A sua leitura traz várias informações importantes, entre as quais mencionaremos as seguintes:

— O pugilismo continua sendo um negócio de grande valor comercial, visto que as receitas arrecadadas pelas 40 salas de espectáculos estaduais atingiram a cifra de quatro milhões de dólares;

— O número de jogadores filiados era de 1.615 na data do relatório;

— As taxas arrecadadas durante o ano findo com o pugilismo profissional atingiram a cifra de 194.003 dólares e com o pugilismo amador 30.000;

— A filmagem, a televisão e a rádio-difusão de combates notáveis, produziu uma receita de 23.234 dólares;

— As multas aplicadas durante o ano totalizaram 3.750 dólares.

Apesar de todos estes impressionantes resultados é necessário que se saiba que o lucro final resultante foi inferior ao de 1946, em mais de 136.000 dólares, devendo atribuir-se a queda de taxas a dois factores: o primeiro não ter havido nenhum campeonato do Mundo ao ar-livre por falta de adversário condigno de Joe Louis; segundo, o desafio entre Louis e Conn, travado em 1946, produziu uma receita extraordinária, quase de dois milhões de dólares.

O número de jogadores suspensos durante o ano foi de 347; de managers, 14; de auxiliares de «canto», 12; e de salas encerradas, 1, tudo por infracções diversas ao regulamento.

A análise demorada do circunstanciado documento, que foi apresentado ao Ministério do Interior do Governo dos Estados-Unidos, conduzir-nos-ia demasiado longe mas o interesse justificava esse exame. Duas conclusões podemos nós extrair à priori, sem grande dificuldade, e uma consiste no montante das multas aplicadas, verdadeiramente modesto e destituído de exageros de megalómano; o outro, a receita muito apreciável com que o pugilismo amador contribuiu para os fundos do Estado, revelando o grande interesse do público pelos «simaculados».

Quanto à quantidade de salas e de praticantes, é bom não esquecer que Nova York tem mais população que Portugal inteiro. Daí o elevado número de uma e outra, tornando aquele Estado um centro excepcional de importância boxística.

R. B.

PUGILISMO

no Pavilhão dos Desportos

O Pavilhão dos Desportos foi teatro de mais outro sarau de boxe, a que o público não acorreu por motivos pouco fáceis de explicar. Bem situado, reunindo excelentes comodidades, presta-se admiravelmente à realização de espectáculos do género... se a multidão quiser habituar-se a encarcerar até ali.

O programa da sessão de sábado compreendia três novas vedetas da esgrima de punho: Rafael da Silva, João Monteiro e Mário Brito, de nacionalidade portuguesa, mas tendo aprendido a boxar em França.

Silva, à parte uma certa lentidão de gestos, ganhou a António de Figueiredo, com marcada folga. Tem golfe certo, forte, varia o jogo, que prefere efectuar a distância, e não dispôs do casaplano por K-O devido ao brio e ao encaixe do mesmo jogador. De facto, Figueiredo quis resistir até o fim, conseguindo o seu desejo, embora bastante bem batido por pontos.

João Monteiro pareceu-nos o mais habilidoso, da trindade agora estreada. Este rapaz, mulato, pôs em evidência muita concepção e bastantes artifícios, esquivando e batendo com oportunidade, movimentando-se bem e proporcionando a Passos o melhor combate da sua carreira. A vitória pontual de Monteiro foi obtida por boa margem e teve o cunho de indiscutível.

França, campeão nacional de «eves» fez um rijo e bom «match» deante do francês Robert Astoin. Podemos classificá-lo como o melhor desafio da noite, pelo equilíbrio de valores. O pugilista estrangeiro, bom esgrimista com ambos os punhos, mostrou-se frágil e com pouco fôlego. Esteve no solo, por oito segundos, devido a um golpe irregular, mas recomps-se.

A vitória de França, por pontos, foi de justiça ante um rival menos robusto, embora mais estilista.

Mário Brito não revelou valor. Mais alto que Kid Adriano, jamais soube tirar partido dessa vantagem e desistiu por inferioridade física ao 4.º assalto. Adriano mostrou combatibilidade e dureza, apenas.

A abrir a sessão efectuou-se um desafio entre amadores já um pouco «maduros» de idade: David Ferreira e A. Brandão. Socaram-se no estilo desordenado habitual, ganhando o primeiro, por ter mais fôlego, e sem favor.

Resumindo: um espectáculo aceitável e sem incidentes, nem tampouco o brilho que se aguardava.

R. B.

BASQUETEBOL

(Continuação da pág. 10)

Intervalo, os alcantarenses alcançaram mais 9 pontos, por intermédio de José Ferreira (3), Carlos Fernandes (4) e Ernesto (2). Por seu lado, o Benfica, neste espaço de tempo, marcou 6 pontos, assim distribuídos: Trindade (2), Homero (2), Morais e Sebastião (1 cada).

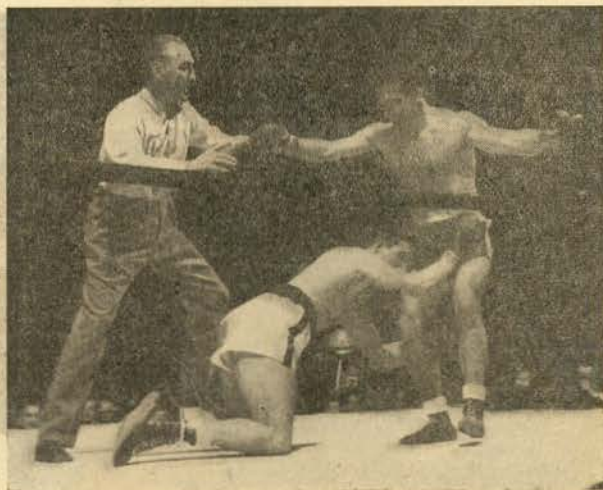
No segundo tempo, o Atlético exerceu maior parcela de domínio, jogando com convicção e com notável sentido prático.

Dos benfiquistas apenas Montelheiro, e, sobretudo, Morais — um atleta com letra maiscula — actuaram de forma a merecerem parabéns.

Quanto ao Atlético, cuja vitória — mais uma vez o afirmamos — foi inteiramente justa e normal, podemos dizer que todos os elementos trabalharam acertadamente.

Resultado final: Atlético, 36 — Benfica, 29.

Monteiro Poças



Outro instantâneo do combate Cerdan Roach. O árbitro, Donovan, intervém durante o 8.º assalto para suspender o desafio e dar a vitória ao francês

EM ELVAS



A luta desenvolveu-se com desembaraço e energia, como se vê neste trecho

EM OLHÃO

Foto PATRÍCIO



Uma fase de ataque junto das balizas do Olhanense

A MARATONA



Manuel Gonçalves, excelente atleta do Benfica, ganha mais uma vez, sem dificuldades, a Maratona Nacional

EM BRAGA



Foto BENIGNO CRUZ

Mário vê uma das suas investidas anulada pelo guarda-redes do Lusitano

OS 100 QUILOMETROS



João Lourenço e Jorge Pereira no arranco final, prestes a cortar a linha de meta precisamente ao mesmo tempo

SPORTING CAMPEÃO DE JUNIORES



Numa final interessante, o Sporting venceu o Oriental por 2-1. O desafio teve boas fases e decorreu com equilíbrio